

Quarteto Heteronímico pelas Lentes de Botto

Hugo Alexandre Martins

Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Oscilando entre manifestações de apreço e contundentes ferroadas, há, nos textos de António Botto tematicamente inspirados na vida e obra de Fernando Pessoa, referências várias ao projeto heteronímico, possibilitando a sua sistematização e análise o enriquecimento e reforço do debate em torno de uma figura axial do modernismo português. Dando continuidade ao esforço de Anna Klobucka de iluminação e reequacionamento do diálogo Botto-Pessoa a partir de palavras e papéis do espólio do primeiro, este artigo propõe-se elucidar sobre posicionamentos histórico-literários bottianos acerca do quarteto Caeiro-Campos-Reis-Soares, assim como divisar afinidades e divergências entre linhas de leitura de Botto sobre a heteronímia e propostas hermenêuticas de Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões e José Régio, nomes cimeiros da fortuna crítica pessoana coeva.

Palavras-Chave: Botto, Pessoa, Projeto Heteronímico, Fortuna Crítica Pessoana.

Abstract

Oscillating between expressions of appreciation and blunt attacks, António Botto's texts thematically inspired in the life and work of Fernando Pessoa have many references to the heteronymic project, whose systematisation and analysis allow the enrichment and reinforcement of the debate around a key figure of Portuguese modernism. Continuing Anna Klobucka's effort to illuminate and rethink the Pessoa-Botto dialogue through words and papers from the latter's archive, this article aims not only to elucidate Botto's historical-literary positions on the Caeiro-Campos-Reis-Soares quartet, but also to identify affinities and divergences between Botto's approaches to heteronymy and the hermeneutic proposals of Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões and José Régio — leading names in the first critical reception of Pessoa.

Keywords: Botto, Pessoa, Heteronymic Project, Pessoa's Critical Reception.



1. Posicionamentos de Botto face à heteronímia

Sobretudo nos últimos 20 anos de vida, maioritariamente passados no Brasil, António Botto, a par de contos e poemas, dedicou-se à escrita de artigos e textos de opinião. Uns, manteve-os na gaveta, outros saíram do prelo sob as suas vistas, numa altura em que pareciam escassear os proventos gerados pela atividade literária. Elucubrou sobre diversas áreas, desde cinema a literatura, tomando por objeto personalidades de renome internacional, como Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Ernest Hemingway. Virou-se igualmente para artistas coevos seus conterrâneos, destacando-se Fernando Pessoa, interlocutor privilegiado de esparsas rumações. Fê-lo numa perspectiva pluridimensional, glosando retrospectivamente, entre tópicos da vida pessoal e carreira artística do autor de *Mensagem*, sobre a heteronímia. São em número avultado os textos de Botto em torno de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, e por vezes Bernardo Soares. Dentre eles, interessam-me as alusões em crónicas vindas a lume em periódicos brasileiros e papéis à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), mormente datiloscritos e manuscritos autógrafos inéditos, reunidos por ocasião do trabalho conducente à minha dissertação de mestrado (Martins, 2023). Surgem agora, neste artigo, alguns deles, pelo ineditismo e proficuidade analítica, transcritos na secção “Anexos”, segundo critérios editoriais oportunamente enunciados.¹ A fonte dos excertos referidos ao longo do artigo, conquanto provenientes de documentação parcial ou integralmente (des)conhecida do público, surge identificada, entre parêntesis retos, pelo número de ordem atribuído aos respetivos textos de proveniência na dita secção. Quando o texto de proveniência de dois ou mais trechos consecutivos coincide, o número figura somente no primeiro. Tratando-se de trechos oriundos de peças do espólio já publicadas, indica-se, além da cota alfanumérica constante do inventário de papéis à guarda da BNP, a publicação de origem. No caso de o trecho transcrito, relativamente ao texto donde provém, ser o único segmento alusivo a Pessoa, não se reproduz na secção “Anexos”, aparecendo apenas a cota alfanumérica correspondente.

De sentido pluívoco, os textos doravante comentados, tão mais assinaláveis quanto só muito marginalmente considerados por estudiosos de ambos os modernistas, transmitem uma imagem variegada e poliédrica do projeto heteronímico, influenciando a temática, finalidade e destinação possíveis

¹ Não constam da secção “Anexos” textos do espólio já publicados nem artigos de periódicos brasileiros acessíveis em linha, como o *Diário da Noite* e o *Diário Carioca*; apenas documentos parcial ou integralmente inéditos.



no tom e registo adotados. Ressente-se o *corpus* da já consabida propensão de Botto para a ambiguidade e dissonância judicativas. Vejamos as colorações e tonalidades da sua atitude bivalente.

1.1. Biógrafo-intérprete entusiasta

Detenhamo-nos nas observações e comentários tecidos por Botto sem propósito detrativo, onde a preocupação imediata não é a de desmerecer mas, num tom ameno ou laudatório, informar e refletir.

Elucidando o caráter polifacético do companheiro, a par da vocação editorial, ensaística e tradutora, destaca, por meio de referências à heteronímia, a faceta de forjador de identidades, “poeta multicéfalo” (Serra e Silvestre, 2002: 47).

Num poema enaltecendor da ação e influência transformadoras de *Canções* no modorrento meio literário português de inícios do séc. XX, atrasado nas ideias e dominado por um “lirismo [decadente] sem miolo” ([3]), Botto e Pessoa avultam como rasgões de claridade num “estendal sem sol”, figuras regeneradoras das letras pátrias. Os encómios dirigidos ao cancioneiro bottiano estendem-se, *mutatis mutandis*, à prosa e à poesia de Pessoa ele-mesmo, Campos e Caeiro:

Tanto o Álvaro de Campos,
 Como o Alberto Caeiro
 E tu, Fernando Pessoa,
 Formam três literaturas
 Num país onde nós fomos
 Dois astros e tudo às escuras.

É curiosa a expressão “três literaturas”, reveladora de um entendimento do sistema heteronímico condizente com parte da sua intuível essência, harmónico com as palavras de Pessoa em apontamento datável de 1928, ano em que, provavelmente pela primeira vez, pelo menos de forma pública, usa o vocábulo “heterónimo” — segundo ele, aplicável a uma figura “concebid[a] dramaticamente como personagem diversa do autor e, até, oposta à índole dele.” (Pessoa, 2012: 230). Pela pena de Botto, tanto Campos como Caeiro surgem, no plano artístico, não como prolongamentos subsumíveis, mas seres providos de autonomia, com registo próprio, voz e estilo discerníveis, tal como postulado, para citar outro texto pessoano temporalmente contíguo, na



famosa “Tábua Bibliográfica” (*presença*, n.º 17, dez. 1928), onde os heterónimos são apresentados como individualidades distintas da do seu autor. Artisticamente falando, dependesse a existência de Campos e Caeiro da de um uno e supremo arquiteto ou executor, estes formariam *uma literatura*, não três. Estranhará o leitor a ausência de Reis, perdoando-a a Botto por dirigir ao heterónimo aparentemente enfeitado versos assaz elogiosos:

O maior livro de Fernando Pessoa
São as *Odes de Ricardo Reis*.
Pureza, linguagem, forma,
Tradição sem classicismo
— Tradição feita por Ele
Sobre o mundo no abismo
Das coisas esclarecidas
Naquela serenidade
Que vemos em altas vidas. ([6])

Aqui transcrito pela primeira vez, o panegírico *supra* parece refrear, reconsiderando, a noção de Reis como lírico exclusivamente tributário de autores e valores greco-latinos. Estribado no quarto volume da edição *vulgata* da obra pessoana, que é para ele “o maior livro de Fernando Pessoa”, diz-nos Botto que, detetando-se nas odes de Reis — comumente apelidadas de “horacianas” — experiências e influências pretéritas, donde o uso do termo “tradição”, há nelas um perfume próprio. Aquilo que habitualmente se percebe como sintomático da sua filiação classicista (“demasiado clássica” [Monteiro, 1952: 10]), Botto atribui e enfeuda ao heterónimo, que, de olhos postos na Antiguidade, a transfigura e singulariza, ora tornando-a sua, ora desagrilhoando-se dela, daí os carmes: “Tradição sem classicismo / — Tradição feita por Ele”.

Não se ficando pela sobejamente (re)visitada tríade heteronímica, refere-se, sobretudo em “António Botto em Várias Notas para um Caderno Individual”, a Bernardo Soares.² Elogia os seus originais — “das mais belas páginas de prosa que Ele escreveu” (*Diário Carioca*, 17.02.1957) —, sobre cujo paradeiro se interroga. O semi-heterónimo é apresentado como a figura mais completa, a que mereceu maior atenção e pudor, assim como a menos conhecida, pairando sobre ele uma

² Coluna do suplemento literário do *Diário Carioca*, cuja colaboração Botto manteve durante a década de 1950.

espécie de manto de névoa, bottianamente justificado pelo esforço de Pessoa em mantê-lo apartado “da curiosidade constante dos vários e muitos admiradores que o procuravam entrevistar no antigo Café da Arcada” (*Diário Carioca*, 24.02.1957). Propõe-se o dramaturgo de *Alfama* lançar luz sobre Soares, então “completamente ignorado do público” (*Diário Carioca*, 03.03.1957). Parecendo autonomizá-lo, dotando-o de biografia própria, esclarece-nos sobre a sua profissão: empregado numa casa de venda de bacalhau (cf. *Diário Carioca*, 24.02.1957). Mais tarde, admitindo ter-se enganado no nome do estabelecimento e género de negócio da primeira casa comercial, apresenta-o como funcionário de uma loja de calçado, nos Armazéns Lino Teixeira de Carvalho (cf. *Diário Carioca*, 03.03.1957). Constituindo novidade no âmbito dos Estudos Pessoaanos, desconhecem-se tais *métiers*, deles curiosamente emergindo o carácter humilde e modesto do sujeito descrito no prefácio ao *Livro do Desassossego*. Anna Klobucka (2018: 51–52) aventa a hipótese de o perfil traçado por Botto advir dos seus documentados intentos de escalada social e, por meio de mecanismos projetivos, de desagrilhoamento de desprestigiantes vivências e ofícios direta ou indiretamente experimentados, donde a inserção no relato de vida de Soares de elementos decalcados da sua experiência de infância e adolescência, pautadas por alguma pobreza e escassez de recursos. Alternativamente, a apresentação bottiana de Soares como funcionário de um armazém poderá explicar-se pela caracterização daquele, em pelo menos duas passagens do *Livro do Desassossego*, como ajudante de guarda-livros de um armazém de fazendas. Perante a improbabilidade da leitura por Botto de textos do *Livro do Desassossego*, resta a hipótese de partilha por parte de Pessoa, em conversas circunstanciais, de informações registadas em papéis não publicados. Ainda em “António Botto em Várias Notas para um Caderno Individual”, Soares é descrito como “espantoso personagem de Fernando Pessoa”, denotando tal expressão outro entendimento da heteronímia. É preterida a anterior ideia de dissociabilidade criador-criatura. Prova-o a frase, bem ao estilo aforístico: “Bernardo Soares é a verdadeira autobiografia pungente do inesquecível amigo que foi o Fernando Pessoa” (*Diário Carioca*, 31.03.1957). Tal entendimento quadra com noções apresentadas na famosa carta a Casais Monteiro sobre a génese dos heterónimos, de 13.01.1935, segundo a qual Soares, sendo outro, mantém ainda o estilo de Pessoa, donde o termo semi-heterónimo (cf. Pessoa, 2012: 273–282). No mesmo artigo do trecho *supra*, aquele em que Botto mais disserta sobre Pessoa, passando em revista interesses, predileções, sonhos, vícios, lê-se ainda: “e era assim, nestes aspetos, o nosso Bernardo Soares.”, saindo reforçada a imagem do semi-heterónimo como duplo de Pessoa. Divisam-se nele atributos do *homem de chapéu e gabardina*, traduzindo



a ideia de inseparabilidade criador-criatura, aplicada a Soares, certa correspondência entre a visão de Botto da heteronímia e especificidades do sistema heteronímico tal como pessoalmente concebido.

A respeito da matéria em estudo, colhem-se do *Diário Carioca* outras perspetivas. Veja-se a descrição abaixo de um episódio tão caricato quanto interpelante:

Quanta vez ele — com os olhos a brilharem de alegria molhada pela emoção — me dizia num quase contentamento infantil: — António, sabes que chegou o senhor engenheiro Álvaro de Campos? E eu, para lhe aumentar o deleite, perguntava, convencido: — Onde se hospedou? Podemos almoçar com ele? Uma gargalhada nervosa e um apertado abraço eram a sua impressionante resposta sempre cinzenta. (*Diário Carioca*, 31.03.1957)

Reminiscente do primeiro encontro entre João Gaspar Simões, José Régio e o poeta de *Orpheu* (cf. Simões, 1974: 60–62; Lopes, 2000: 19–20; Martines, 2016–2017: 135–136), o relato acima, denunciativo do espírito folgazão e galhofeiro de Pessoa, retoma a tese da autonomia heteronímica, maximizando-a. “Gémeo siamês” (Lopes, 2000: 19), Campos, num registo anedótico, é apresentado como entidade autocéfala, independente, um *outro eu*. Botto, numa atitude derrisória de *blagueur* tão prosaica em si, concebe-o, não como figura de papel ou personagem autoral desprovida de consistência, mas como *ser de carne e osso* saído do “tablado da ficção do ‘drama em gente’” (*ibid.*: 20), como que dotado de uma vida para lá da fictícia emprestada por Pessoa. Pelo “contentamento infantil” e “gargalhada nervosa”, constituiria motivo de júbilo para o poeta de “Autopsicografia” o dimensionamento do companheiro, afinal tão onírico quanto tangível, como sujeito autossuficiente com interferência direta, no plano humano, no seu dia a dia e relações privadas. A propósito, recordem-se as saudações “em girassol e cisne (...) serenas e hieráticas” (*apud* Klobucka, 2018: 189) de Campos a Botto, assim como a referência pessoana, também epistolar, à presença em Lisboa do “senhor engenheiro” (*ibid.*: 190).

1.2. Feroz detrator

Botto exprimiu pontos de vista sumamente antagónicos e conflituantes relativamente ao amigo, vestindo, a par da capa de biógrafo-entusiasta, a de feroz detrator, indiferente a sentimentos de ordem afetiva. Sirva de cartão-de-visita da ambiguidade posicional e verrina bottianas a frase:



“Apesar de ter sido e ser amicíssimo do Fernando Pessoa, não gosto nem admiro a obra que deixou” (E₁₂/51; *apud* Fernandes, 1994: 82–83).

De insuspeitados contornos, as críticas tenderão a tornar-se acerbas, e a abordagem corrosiva, não faltando alusões menos simpáticas ao “fulcro da galáxia heteronímica” (Lourenço, 2009: 49), atacada em bloco ou individualmente.

A respeito da heteronímia, teceu Botto comentários diversos, desferindo golpes de uma acerbidade que estreitos laços de companheirismo, projetos comuns e íntimas vivências jamais fariam prever. Trata-se de comentários divulgados em periódicos brasileiros ou escritos em papéis só agora tornados públicos.

Da imprensa ter-se-á servido para, com luvas de pelica, sopesando as palavras, abordar o tópico da heteronímia. Em entrevista publicada no *Diário da Noite* a 04.09.1947, falando sobre o “grande amigo”, declara: “Quando fazia poesia, era um poeta sublime, um grande poeta. Mas, quando se desviava para o modernismo, deixava de ser o Fernando Pessoa para ser outros. Cito vários nomes, seus pseudónimos.” Considerando a visão desfavorável de Botto do modernismo — contra o qual, irónica e gravemente, se rebela, reduzindo-o a “gravatas azuis, igrejas velhas e mulheres mais assimétricas do que o próprio verso” —, a noção desses *outros pessoanos* como influxo modernista traduz uma apreciação negativa deles. São notórias as reservas aos apelidados “pseudónimos”, cujos “versos modernos”, ao invés de dignificarem o estilo de Pessoa, o deslustram. Para o autor de *Motivos de Beleza*, os sublimes versos ortónimos perdem em valor e virtude quando escritos sob uma mascarilha ou rubricados em nome de outrem, como se, ao fazê-lo, Pessoa se despisse da “qualidade de poeta (...) para enveredar por um caminho sem diretriz.”

Em apontamentos impublicados, mas que Botto pensara reunir em livro, acentua-se o registo sulfuroso. Num conjunto de 44 sonetos de cariz (auto)biográfico tematicamente inspirados no universo poético-existencial pessoano, surge a heteronímia como tentativa de Pessoa de, qual “mensageiro” ([1]) ou “*Supra-Camões* compadecido”, colocar Portugal na senda do vanguardismo europeu, dando-lhe o gume e verniz modernistas que “ninguém mais podia conceber”³ — tentativa gorada, na ótica de Botto, que designa não só os heterónimos por “falhados argumentos no

³ Conjunto de sonetos autógrafos, sem datação explícita, na pasta “Fernando Pessoa: Obra a Publicar” (E₁₂/51). Parcialmente vindo a público em *O Mundo Gay de António Botto* (2018: 205–211), parece corresponder a uma investida editorial bottiana nunca concretizada em vida do autor, a que o próprio pensara dar o título “Os Quarenta e Cinco Sonetos de Fernando Pessoa — Sua Biografia”, como se pode ver numa lista de projetos editoriais na pasta “Cântico da Raça Negra” (E₁₂/32) (cf. Klobucka, 2018: 209).



sentido” como o ímpeto modernizador de Pessoa por “filosofia sem saída”. Não ignorando a visão depreciativa, destaque-se o reconhecimento por parte de Botto do jaez cosmopolita e europeísta do comumente designado primeiro modernismo português, avultando Pessoa como um dos responsáveis pela aproximação do movimento à arte europeia.

Não faltam explicações identicamente redutoras da gênese da heteronímia. Operando uma guinada e pirueta discursivas de 180°, amalgamando vida e obra, combinando notas artísticas com outras de índole vivencial, Botto repousa o desdobramento heteronímico em fundamentos extraliterários, fatores extrínsecos ao texto, desde crenças a especificidades caracteriais do Pessoa-homem: “Se acreditava em cartas e bruxedos, / Se era tímido, fraco, e até, medroso — / Inventou esses nomes que são medos / Vazados num recorte caprichoso.” ([2]). Formando o espólio de Botto uma rede de vasos comunicantes, não restam dúvidas de que o segmento “esses nomes” consiste numa alusão ao aqui designado quarteto heteronímico: “Era dúbio, sofista e medroso. Daí os nomes que escolheu para se exteriorizar. Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Bernardo Soares.” (E₁₂/51; *apud* Fernandes, 1994: 82–83). Enveredando por uma aproximação crítica psicossociológica, surgem os heterónimos como projeções, porta-vozes de um drama interno. Mas tratar-se-á apenas de um quarteto? Suscita estranheza o nome “Fernando Pessoa” numa lista de nomes de sujeitos escolhidos pelo próprio para se exteriorizar. A colocação de Pessoa em seu nome no mesmo plano que os *outros de si* poderá ser lida de diferentes formas, interessando-me duas: agnição bottiana da existência de um autor textual — categoria literária — com o nome do sujeito civil — categoria histórica —, ou tentativa de realce e reforço do caráter dissimulado e espírito pusilânime do homem para lá da obra, a ponto de o *eu* empírico, incapaz de se assumir sem artifícios, aparecer já como exteriorização de si. Noutro documento, além de se referir pejorativamente àquele, alcunhando-o “parco banqueiro anarquista” ([4]), Botto acusa-o de se escudar e esconder atrás de manifestos e odes, numa clara referência a Campos e Reis, novamente perspetivados como iludentes mascarilhas envergadas por um Pessoa falsa e imperfeitamente plural, que, mesmo oculto e camuflado nesses *outros de si*, se mantém divisível. São, pois, dissonantes as posições de Botto face à ideia fundadora pessoana de autonomia dos heterónimos: quando elogioso, segue-a; quando detrator, questiona-a.

O tom aparentemente diplomático que releva de artigos de imprensa, em geral de cariz biográfico-descritivo, oculta aquela que é afinal uma crítica feroz, apenas intuível em notas mantidas na privacidade. O tipo de discurso parece diferir consoante a destinação provável dos textos. Não



só Botto reconhece o contraste entre o conteúdo de apontamentos particulares, de inusitada virulência discursiva, e o de textos jornalísticos vindos a lume, de enorme comedimento e sobriedade, como o fundamenta, justificando-o pela necessidade de adaptação e ajustamento do estilo de escrita e léxico crítico ao contexto e suporte de divulgação:

Quando se escreve para um jornal, há mais responsabilidade do que quando se escreve para um livro. Um livro qualquer [um] o pode escrever e mandar imprimir se tiver dinheiro ou crédito (...). Escrever para um jornal implica outro critério, mais obrigado a cláusulas de imprensa, de opinião, de respeito. (E₁₂/181)

De uma abrangência e versatilidade inusuais, a abordagem bottiana da heteronímia não se restringe aos trechos até agora comentados, onde só timidamente espreita o viés antipessoano, reservando-se as próximas linhas para pareceres mais abertamente cáusticos.

A desumanização bottianamente assacada à produção poética ortónima, a coberto da falta de espontaneidade e naturalidade emotivo-expressionais, como se de nascentes intelectivas tudo brotasse, estende-se ao imaginário heteronímico, que, intentando menoscabar a genialidade e talento do parceiro, Botto soezmente deprecia, fulanizando a questão em termos inusitados, zurzindo e escarnecendo de textos dos heterónimos.

Sem apelo nem agravo, interroga a qualidade e valia de Caeiro, Campos e Reis, afirmando desconhecer razões satisfatória e suficientemente legitimadoras do entusiástico acolhimento destes e da avalanche de artigos e estudos publicados meses volvidos sobre a morte de Pessoa:

Mensagem, Caeiro, Ricardo Reis,
 Álvaro de Campos, e ele [Pessoa] no seu primeiro
 Volume de Poesias,
 O que é que nos deram que valha
 Tanto arco triunfal
 Levantado à sua volta? ([5])

Com Caeiro na mira, salienta a “monotonia dos assuntos” ([7]), a “repetição dos fracos ensinamentos muito procurados”. A estes reparos escapa somente *O Guardador de Rebanhos*. Pedra-de-toque dos julgamentos sobre a obra caeiriana, as restantes composições, por se afastarem daquele ciclo de poemas, merecem acerba crítica:

O que são os poemas de Alberto Caeiro?

Sofísticas perguntas e respostas numa repetição de palavras, e onde não há, porque falhou, o sentido campestre, popular e próprio de *O Guardador de Rebanhos*, nem a paisagem o salva, nem a paisagem lhe acudiu para os poemas terem salvação possível. ([5])

Há uma clara insistência na dimensão pagã e anticatólica de Caeiro, tal que, do único volume da Ática exclusivamente dedicado ao heterónimo, Botto, além da “irremediável ausência de clareza” ([10]), frisa a “pretensa mistificação de catolicismo e protestantismo”. No 13.º soneto do já mencionado ciclo de 44, é-lhe aposta a alcunha “anticatólico” ([1]).

De olhos postos em *Poesias de Álvaro de Campos*, volume II de *Obras Completas de Fernando Pessoa*, nada simpaticamente descrito como “livro falhado” ([7]), “sem interesse poético, nem humano”, Botto pinta Campos como simulacro do “apodrecido italiano Marinetti” e de Walt Whitman. Compara-o a Émile Verhaeren e Mário de Sá-Carneiro, identicamente tributários do futurismo whitmaniano, apresentando-o como menos original e eficiente. Vincando o artificialismo perverso e o excesso de refinamento estilístico pessoanos, caracteriza a “Ode Marítima” — cuja versão inicial Pessoa desastrosamente alterara, di-lo Botto, amputando-a de “certos movimentos inconscientes” (E₁₂/51; *apud* Fernandes, 1994: 82–83) tingidos de poeticidade — como “monólogo teatral com passagens cruas da maior monotonia”, destacando a “epilepsia desconcertante [d]essa mal construída *Ode*” ([9]). Ao contrário do que poderiam indiciar a obviedade e transparência discursivas sobradamente buscadas e cultivadas por Botto, nem sempre são claras e desambiguadas as referências aos heterónimos. Num manuscrito intitulado “Sobre o ensaio ‘A[ntónio] B[otto] e o Ideal Estético [em Portugal]’, de F[ernando] P[essoa]” (E₁₂/250; *apud* Botto, 2010: 20–22), depois de se referir à estreiteza e insuficiência exegéticas das teses ortonimamente defendidas no sobredito ensaio, consabidamente central na projeção de ambos para a ribalta literária, Botto conclui: “Com o seu espírito tocado sempre pela histeria, pretendeu, apenas, focar o caso do escândalo movido pela brutalidade sincera da obra que aparecia completamente nua”. Pensando na já citada carta de Pessoa a Casais Monteiro, onde Campos é descrito como o “mais histericamente histérico” (Pessoa, 2012: 276), no estilo vertiginoso e vorticista de “Ode Triunfal”, assim como na dupla intervenção do *engenheiro sensacionista* na contenda “Literatura de Sodoma”, há uma forte probabilidade de o “espírito tocado sempre pela histeria” ser uma alusão tangencial a Campos, que, tendo reconhecido



e identificado certa “imoralidade absoluta, despida de dúvidas” (*apud* Botto, 2010: 111) como força motriz da criação poética de Botto, não logrou a simpatia do poeta abrantino.⁴

Assim como Pessoa persistiu na inspiração helénica do lirismo bottiano, as observações de Botto à lírica de Reis pretenderam vincar o apego do médico-poeta aos ideais, sistemas filosóficos e valores da Antiguidade Clássica, sendo as *Odes* consideradas “um passeio desordenado pela antologia grega (...), bastante sem sentido de ordem e sem motivo alegado” ([10]). De entre as bordoadas, a mais incisiva e truculenta guarda-a, de facto, para as *Odes*, antes tão lisonjeiramente caracterizadas: “jogo gongórico, em que [Reis] procurou imitar *As Canções de António Botto*, sem interesse de poesia, negação do lirismo e da ode grega. Frustrado e medíocre na sua paralisada realização verbal e retorcida” (E₁₂/51; *apud* Fernandes, 1994: 82–83).

O retrato de Campos e Reis como imitadores da arte e do estilo de figuras pretensamente maiores do panorama centro-europeu, estas sim genialmente criativas, parece servir o propósito de Botto, de que a campanha de desmerecimento do legado pessoano é corolário, de desmistificação da suprema originalidade vulgarmente associada ao amigo, como se, contaminado e impotente, pouco adviesse do seu pessoal esforço de criação: “[Apesar da] irmandade que o defende e o exalta, (...) ele não é, nem poderia ser, essa montanha de originalidade” ([8]).⁵ Segundo Botto, nos “dispersos desarrumados” de Pessoa não vibra surpresa, nada tange de verdadeiramente extraordinário. No *corpus*, a ideia romântica de Pessoa como génio inventivo é insistentemente refutada, surgindo Botto como excelsamente original e inspirador, a ponto de, numa peça de atribuição autoral dubitativa, se designar mestre, precursor, de célebres escritores portugueses, dos quais apenas dois são nominalmente referidos: “Fernando Pessoa, Camilo Pessanha e outros aproveitaram as linhas mestras que Ele [Botto] indicou. O Ricardo Reis e o Álvaro de Campos do Fernando Pessoa, por exemplo.” (E₁₂/5). Além da desvalorização um tudo-nada encapotada de Pessoa e Pessanha, putativos seguidores das “linhas mestras” de Botto, há a destacar a negação da tese da autonomia heteronímica, atrás expandida, faltando a Campos e Reis existência autónoma. Botto apresenta-os como partes de um todo englobante de que descendem e dependem.

⁴ Campos desempenhou um papel ativo na polémica “Literatura de Sodoma”, contribuindo com dois textos da sua autoria após a refrega suscitada pelo ensaio “António Botto e o Ideal Estético em Portugal”: missiva a José Pacheco (*Contemporânea*, n.º 3, jul. 1922 [*apud* Botto, 2010: 109–112]) e *Aviso por Causa da Moral* (folha volante com indicação “Europa, 1923” [*apud* *ibid.*: 127–128]).

⁵ Extravasando os limites deste artigo a cabal e plena explicitação dos meandros da recentemente estudada campanha bottiana de depreciação da conduta e literatura de Pessoa, remete-se o leitor para a já citada dissertação (Martins, 2023).



O mesmo Botto que elegeu Pessoa, a par de Antero de Quental, Camões e Gil Vicente, como um dos nomes maiores da literatura portuguesa (cf. Neto, 2022: 113) não se coibiu de o desmerecer, golpeando-o com a sua “afamada língua viperina” (Klobucka, 2018: 126).

2. Botto e olhares coevos sobre o projeto heteronímico: (des)encontros

Lendo, conjunta e dialeticamente, a multiplicidade de papéis do arquivo de Botto, salta à vista, além do desiderato de publicação de uma biobibliografia em torno de Pessoa, uma tão ardilosa quanto truculenta campanha de menorização e instrumentalização do seu legado. Campanha de que ressumam, enquanto alvos e visados preferenciais das farpas bottianas, não tanto o obreiro do *drama em gente*, quanto expoentes de vulto do seu cânone crítico. Multiplicam-se os ataques cerrados a primeiros leitores e editores da obra de Pessoa, cujas opiniões e argumentos Botto se abalança tanto a desdizer como a perfilhar. Ao mesmo tempo que infirma ideias de outrem, assume-as e recicla-as, daí detetarem-se afinidades, por vezes divergências, entre considerações e diagnósticos de Botto e juízos de outros exegetas pessoanos. No tocante à heteronímia, reconhecem-se semelhanças e diferenças, contactos e desvios, para que apontaremos de seguida.

Apenas se considerarão no exercício comparativo doravante ensaiado relatos, posições e propostas de intérpretes do universo pessoano explícita e reiteradamente referidos em papéis do espólio de Botto, a saber Casais Monteiro, Gaspar Simões e Régio, por tais referências sugerirem um conhecimento provável de Botto de textos desses críticos, deixando de parte testemunhos de outros comentadores da mesma época.

Atrás a floradas, detetam-se afinidades entre a encenação e a intromissão lúdicas dos heterónimos na vida prática de Pessoa, narradas por Botto em artigo de imprensa, e o relato de Gaspar Simões do encontro com o *correspondente estrangeiro*. Ambos — Botto e Gaspar Simões — destacam, a par da semicultação de Pessoa ele-mesmo, o envergamento da máscara-Campos, “seu camarada desinibido” (Martines, 2016–2017: 135), sinalizando como aspeto singularizante do convívio com Pessoa o intrometimento do *engenheiro sensacionista*. De idêntica intromissão se terão apercebido e pontualmente queixado Ofélia Queiroz e Régio. Citando Gaspar Simões (1951: 253), que dá nota do regozijo de Pessoa ao contar a Armando Côrtes-Rodrigues, amigo micaelense, uma cena caricata envolvendo Alberto Caeiro, Alfredo Guisado e António Ferro, “o profeta do ‘supra-Camões’ vivia com



intensa satisfação as circunstâncias mentirosas que rodeavam a *invenção* dos seus heterónimos” (itálico no original).

Também nas referências menos simpáticas aos heterónimos se lobrigam pontos de contacto. Respeitando a ordem por que foram comentadas no tópico “Feroz Detrator”, a primeira afinidade estabelece-se com Régio. Assim como Botto acusa os heterónimos de perverterem a beleza de textos assinados em nome próprio, Régio considera a sua prosa e poesia inferiores “meros exercícios intelectuais” (*apud* Martines, 2016–2017: 143), “falhada expressão poética”.⁶ Aliás, é a multiplicidade heteronímica que leva o autor de *A Velha Casa* a tecer comentários menos elogiosos, e a ajuizar negativamente a obra de Pessoa, padecente de falta de espontaneidade, excesso de intelectualismo. São indubitáveis as correlações entre as abordagens críticas de Botto e Régio. Além do reforço do carácter mistificatório da heteronímia, há a destacar o uso do termo “pseudónimo” (cf. Régio, 1959: 96), interpretável como “subtil desvalorização ou sincera incompreensão do significado dos heterónimos” (Reynaud, 2009: 17). Enrico Martines (2016–2017: 143) avança como explicação possível para o uso preferencial do termo a recusa da definição pessoana de heteronímia ou certa “desconfiança em relação à estrutura criada por Pessoa e divulgada pelo próprio nos seus escritos.”. Atestando os paralelismos entre os citados detratores da poesia heteronímica, leiam-se as passagens:

A verdade (...) é que muitos dos versos livres de Álvaro de Campos ou de Alberto Caeiro não chegam a ser versos; isto é: não atingem a poesia. (Régio, 1959: 99)

Poesias de Álvaro de Campos: (...) meia dúzia de tentativas que não chegam a ser composições de um autêntico poeta. ([7])

Sobressaem de ambas a reserva de Botto e Régio face à qualidade poética do grosso das composições do menos-poeta (falso-poeta?) Campos. Tal desvalorização terá inquietado Casais

⁶ Com forte acento no verniz antipessoano da teorização crítica régiana sobre o poeta dos heterónimos, o artigo que agora se publica não pretende reduzir a apontamentos e notas de sentido pejorativo as oscilantes apreciações do presencista a respeito do amigo. Demonstrou João Cabrita (2015), através de peças vindas a lume na *presença* entre 1927 e 1940, cruzando discursos e textos, a complexidade e riqueza do convívio e diálogo histórico-textuais entre ambos, sobressaindo da atenção e esforço exegéticos de Régio múltiplas dimensões e facetas, desde a de crítico à de admirador. Na linha do contrapessoanismo tardio de Teixeira de Pascoaes, é possível documentar, fundamentalmente a partir de meados dos anos 40, momentos de rutura e dissídio entre Régio e Pessoa, já depois da morte deste em 1935, juntando-se ao apreço e à estima intelectuais demonstrados por Cabrita avaliações pouco simpáticas (cf. Martines, 2016–2017: 135–155).



Monteiro, que, diferentemente dos colegas de ofício supramencionados, “encontr[a] todas as condições da grande poesia em muitos poemas [de Pessoa], tanto ortónimos como heterónimos” (Monteiro, 1952: 11), justificando as considerações e equívocos do vilacondense, militante e “mantenedor das formas clássicas”, pela recusa e pelo repúdio das não tradicionais (cf. *ibid.*). Ao distanciar-se Casais Monteiro da abordagem regiana, distanciar-se-ia, outrossim, da de Botto, registando-se entre estes, se não direta, diagonalmente, dissemelhanças.

A ancoragem em aspetos extrínsecos ao texto no ajuizamento e fundamentação da heteronímia e o recurso a estes lembram o argumentário e labor críticos de Gaspar Simões. Muito próximas do “psicologismo causalista [simoniano]” (Gagliardi, 2017: 17) estão algumas leituras de Botto. Em *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (1951, 1.^a ed.), além de a heteronímia ser objeto de escárnio, por vezes reduzida a blague, ressaltam os heterónimos como faces diversas de uma mesma personalidade, manifestações de traços psíquicos de um sujeito-autor complexo e labiríntico. A análise e o esforço interpretativos de ambos inserem-se numa lógica de “desmascaramento” (cf. Sepúlveda, 2017: 66), donde sucedem especulações de viés psicologizante, segundo as quais o fenómeno heteronímico, reificado em insinceras individualidades, não passa de uma estratégia de sublimação artística de idiossincrasias do Pessoa-civil, de um reduto metaliterário de disfarce e ocultação de alegadas falhas e fraquezas do respetivo obreiro enquanto *homem de carne e osso*. Ora, caracterizando Casais Monteiro (1952: 18–23) *Vida e Obra de Fernando Pessoa* como “sensacional malogro”, “deficiência básica e irremissível”, “paródia de biografia e interpretação”, lamentando as posições anedóticas e reducionistas e o “delírio explicativo” de Gaspar Simões, seguidor de um “‘moderno’ freudismo”, sou novamente levado a crer que, tivesse o escritor portuense lido e/ou elucubrado sobre os papéis e pareceres psicologistas de Botto, não se pouparia nos remoques, divisando-se entre eles nova divergência. A Casais Monteiro, defensor de uma hermenêutica de tipo formal, avesso a biografismos, afigura-se escusada e infértil a intrusão de elementos da ordem do humano na inteção da arte e alma do artista. Operando aquilo que Pedro Sepúlveda (2017), referindo-se a estudos de Gaspar Simões, designa por redução crítica do fenómeno heteronímico, igualmente válido me parece integrar Botto na galeria de cultores de propostas explicativas da génese heteronímica a partir de questões de foro íntimo.

Pouco representativas na globalidade do *corpus*, diria que, das massas documentais compulsadas, apenas uma apreciação, por peculiarmente significativa, se afasta das correntemente ventiladas. Quase sempre análogas às dos fundadores da crítica pessoana, as leituras de Botto da



poesia de Reis, exceto no respeitante ao gongorismo (cf. Régio, 1959: 100), distanciam-se das então conhecidas. Refiro-me ao entendimento do volume *Odes de Ricardo Reis* como tentativa de imitação d'*As Canções de António Boto*, podendo justificar-se tal asserção, não tanto pela sua verosimilhança e plausibilidade, mas antes pelo parentesco entre a formação semi-helenista de Reis e o fundo helénico do lirismo bottiano, ambos destacados por Pessoa, e que Botto convenientemente perverte, tornando as odes do heterónimo decalque gorado do respetivo cancionero. Da mesma forma que o tom e registo assumidos por Pessoa em textos sobre o amigo são mais depreciativos e soezes do que parece à superfície, como em *António Botto e o Ideal Estético em Portugal*, às leituras bottianas, de matizes revanchistas, subjaz um propósito identicamente reductor. Se Campos é descrito como medíocre emulador de Marinetti e Walt Whitman — futuristas de primeira água —, o discípulo de Horácio surge como arremedo pobre, seguidor frustrado do poeta e prosador abrantino. Botto enxerga nas composições poéticas daquele a “influência nítida, escandalosa, da [sua] arte suprema” ([9]). Tomando como motivação da campanha de desmerecimento do legado pessoano o desiderato de Botto de infirmação de narrativas enaltecedoras da obra do amigo, e de (auto)resgate do eco e êxito editoriais dos anos 20 e 30, embargados pela hipercentralidade da literatura pessoana no espaço mediático luso-brasileiro, talvez desse nunca assumido desejo provenha igualmente a alegação reductora do heterónimo em presença. Descrevendo as odes ricardianas, vindas de um autor crescentemente valorizado pela crítica, como cópia fracassada de *Canções*, eclipsadas pelo “gigantismo ofuscador do universo pessoano” (Barros, 2009: 7), não só o propalado primor artístico de Pessoa sairia beliscado como seria favorecida a coletânea poética de Botto. O contraste entre a imprevista popularidade de Pessoa no *post-mortem* e o deliberado ofuscamento de um Botto feito apêndice, quando não vítima de alegadas ofensas e injúrias em revistas e jornais, terá afetado este último, que, saudoso dos seus anos dourados, não satisfeito com a “cova rasa” (E₁₂/229) em que o meteram, lançou mão de estratégias alternativas de acesso à glória. Não será decerto alheia a tais propósitos de deslustre e resgate a intemperada autolouvação de *Canções* — ao que parece livro de superior valia, — apenas nele se vislumbrando, segundo Botto, a “verdadeira poesia pura, cristalina, diferente, nova, profunda, (...) riquíssima de sensações e mundos” (E₁₂/134). Já as odes “assinadas por esse Ricardo Reis” ([9]) carecem de engenho, a ponto de o leitor, em virtude dos seus “estafados motivos (...) carregados por uma erudição que enfastia”, querer “atirar o livro pela janela fora”. Afigura-se-me sintomática do desiderato exposto a atribuição a Reis do epíteto “esteta reduzido” ([1]). Botto refere-se ao heterónimo em termos



depreciativos para, matando dois coelhos de uma só cajadada, vingar leituras erróneas de Pessoa sobre *Canções* e enaltecer a própria arte. Diminui o mérito desse outro *eu* pessoano para melhor alçar o seu. Aproveita a ideia defendida em *António Botto e o Ideal Estético em Portugal*, onde Pessoa diz ser Botto “o único português, dos que hoje conhecidamente escrevem, a quem a designação de esteta se pode aplicar sem dissonância” (*apud* Botto, 2010: 89), para legitimar o apodo a Reis, estrategicamente relegado para posição subalterna. Ardiloso por natureza, serve-se do suposto equívoco interpretativo do companheiro para afirmação e reforço de uma superioridade tão ardentemente apetecida quanto laboriosamente caldeada.

Outra especificidade dos posicionamentos de Botto prende-se com o teor e o tom gerais da maioria dos textos. Mesmo as observações de índole pessoana afins às de outros intérpretes diferenciam-se pela maior rispidez e truculência discursivas. De espingarda a tiracolo, exagerando nos termos, Botto disparou contra tudo e todos, dando mostras de uma virulência judicativa, talvez próxima da de Luiz Pacheco, com escassíssimos paralelos na história recente da crítica literária nacional. Raramente igualado, o viés antipessoano que releva de papéis de Botto supera largamente o contrapessoanismo tardio de um Teixeira de Pascoaes ou de um Régio. Pretenderá a excessiva acerbidade compensar certa tibieza reflexiva? Faltam a muitos textos bottianos, de dominância expositiva, uma reflexão séria, um aprofundamento robusto de temáticas nunca escarpelizadas. À semelhança de textos de Pessoa sobre a produção estético-literária de Botto, a índole é mais descritiva e metacrítica que hermenêutica. De facto, nem sempre o discurso de Pessoa, episodicamente veiculador de asserções e ideias pertinentes, parece penetrar e decifrar a poesia e prosa de Botto, proferindo considerações genéricas.

3. Notas finais

Escarpelizando o esforço bottiano de análise e aprofundamento da vida e obra de Pessoa, percebe-se que, de entre a miríade de tópicos abordados, Botto devotou especial atenção ao dito sistema heteronímico central, sendo o quarteto Caeiro-Campos-Reis-Soares tão elogiado quanto soezmente diminuído, avultando a heteronímia como “filosofia sem saída”, “caminho sem diretriz”, expressão literária de facetas e traços do temperamento psíquico do Pessoa-civil. Ao contrário do que precipitadamente poderíamos julgar, também Botto, amigo de Pessoa, se arvorou em crítico redutor do fenómeno heteronímico, ao lado de nomes destacados do movimento



presencista. A par de textos sem propósito detrativo aparente, fornecedores de dados e informações de índole diversa sobre a heteronímia, encontram-se outros de iniludível coloração pejorativa, simplificantes e simplificadores, numa clara demonstração da dissonância e da flutuabilidade críticas bottianas.

Se determinadas posições de Botto mantêm forte afinidade com propostas interpretativas coevas, outras possuem caráter revolucionário, mormente as que, visando Pessoa, tocam a obra do próprio. Tanto perpassam o *corpus*, qual aventura polifónica, pareceres prosaicos, reminiscentes de leituras psicologistas de Gaspar Simões e de textos de Régio dos anos 40 e 50 de pendor antipessoano, como juízos originais, de que constitui exemplo a alegada tentativa de Reis de imitação das *Canções*, jamais formulada por nomes cimeiros da divulgação, estudo e questionamento póstumos do legado pessoano. À conformidade entre depoimentos de Botto, Gaspar Simões e Régio, acresce uma menor sintonia relativamente a artigos e estudos de Casais Monteiro, refutador de opiniões postas a correr sobre Pessoa por colegas da *presença*. Percebe-se ainda que, não obstante o afã bottiano de infirmação de teses alegadamente enaltecedoras do talento do poeta de Lisboa, Botto recicla-as, por vezes perfilha-as, tanto as de tom ameno como as de acento desfavorável, reforçando tal constatação a ideia de instabilidade que muitos lhe associam, não andassem os seus pontos de vista ao sabor de ventos e estratégias.



ANEXOS

Impõem-se breves parágrafos explicativos dos critérios adotados na organização e transcrição do *corpus*, começando por lembrar o leitor de que apenas encontrará nesta secção textos de Botto não integralmente publicados em vida do próprio ou a título póstumo.

Às dez peças reproduzidas atribuiu-se um número de ordem, entre parêntesis retos, utilizado ao longo do artigo na identificação dos textos de proveniência dos excertos transcritos.

Na ordenação dos textos, aplicaram-se dois critérios, desde logo o tipológico. Em primeiro lugar, surgem as produções inseríveis no género poético, ao todo seis, e, em segundo, sem prejuízo da sua importância qualitativa, os textos em prosa. Em ambas as categorias, ordenaram-se as peças alfabeticamente pelo respetivo título. Deu-se primazia aos textos numerados ou titulados por Botto, cuja numeração e titulação autógrafas se mantiveram, encimando o núcleo poético os dois sonetos numerados pelo punho do autor, seguidos de quatro poemas, cujo primeiro verso serviu de título — o qual, da lavra do editor, surge entre parêntesis retos. A prosa tem como cartão-de-visita o único texto dessa tipologia originalmente titulado, a saber “O Verdadeiro Fernando Pessoa”, seguido de outros três, a que se atribuiu um título. Em dois deles consideraram-se o âmbito e o enfoque temáticos. Apenas num caso, em que a autoria não recai sobre Botto, ao invés de uma expressão sintetizadora de matérias e tópicos tratados, se incluiu o nome do suposto autor — Miguel Ângelo Barros Ferreira —, por tal referência mais imediatamente aludir à já amplamente documentada prática bottiana de fabricação autoral, isto é, de atribuição a outrem, mormente vultos das artes e letras europeias, de comentários e textos encomiásticos escritos por si.

Pensando nos leitores interessados em consultar os originais, inclusos no espólio de Botto, colocou-se, no final de cada texto, alinhados à direita, a cota alfanumérica constante do inventário de papéis do poeta à guarda da BNP e o nome da pasta correspondente.

Num esforço de sistematização dos critérios de fixação globalmente perfilhados, listam-se os principais: atualização da ortografia à luz do Acordo Ortográfico de 1990, sem prejuízo da manutenção de particularidades linguísticas autorais; correção de lapsos, erros evidentes, problemas de concordância e outros comprometedores da normalidade ortográfico-sintática, fluência de leitura e/ou inteligibilidade textual; uniformização do uso de maiúsculas e minúsculas, mantendo-se as designadas maiúsculas alegorizantes; itálicização de títulos de obras, revistas, jornais, folhas volantes, estrangeirismos e palavras ou expressões sublinhadas no original; desenvolvimento de



abreviaturas, aparecendo os segmentos acrescentados entre parêntesis retos; supressão de passagens sem ligação imediata ou tangencial à vida e obra de Pessoa, por meio de reticências dentro de colchetes.



Poesia

[1]

13

O Álvaro de Campos, engenheiro,
Ricardo Reis, esteta reduzido
Com o anticatólico Caeiro,
Que é, talvez, o que foi mais concebido,

— São fragmentos de um certo cancionero,
Falhados argumentos no sentido
De procurar criar o mensageiro,
E ser *Super-Camões* compadecido

Em dar a Portugal o modernismo
Que ninguém mais podia conceber,
Depois de, na Itália, o futurismo

Ter sido uma chantagem discutida.
Acabou, afinal, por nunca ser
Senão filosofia sem saída.

[E₁₂/51: “Fernando Pessoa: Obra a Publicar”]

[2]

14

Se acreditava em cartas e bruxedos,
Se era tímido, fraco, e até medroso —
Inventou esses nomes que são medos
Vazados num recorte caprichoso.

Nada, na obra, tem quaisquer segredos,
Não há o pormenor vitorioso
Dos frutos que rebentam arvoredos,
Nem arranco brutal, conflituoso?

É tudo compassado e repartido,
Volúvel como as nuvens pelo ar,
Eu nunca o vi chorar, nem comovido.

Vivia para ser agitação,
Mas metia-se em casa a descansar
Com medo de qualquer complicação.

[E₁₂/51: “Fernando Pessoa: Obra a Publicar”]



[3]

[Acabei agora de ler]

Acabei agora de ler
Mais uma vez
A obra publicada do Fernando Pessoa
— O grande Poeta português —
Nas edições elegantes de bom gosto
Da Ática, Editora e livraria.

Que bem que Ele versos escrevia
Quando sentia dentro dele
A voz do mundo falar.

Ainda me parece mentira
Que ele não venha para jantar.

Incompreendido, perseguido
Por quem não o compreendia.
Aquele Prémio que não foi dado,
Aquele vida de agonia
E aquele rosto cansado
Onde a olhá-lo eu tudo via.

Companheiro dedicado,
Amigo maior que a vida
De um astro que seja eterno.
Sereno, calmo, e martirizado
Vivia no imenso inferno
Da sua preocupação,
Do seu temor, da sua dúvida



— Dúvida certa profunda
E talvez sobrenatural
De não saber bem quem era
Que descobriu Portugal.

Vinho, tabaco, aguardente,
— Iguarias quase banais
Com que entreteve a saúde
Vestida só de jornais.

Fernando Pessoa, teus livros
Todos dão a existência
Naquilo que ela tem:
Ela não te deu Poesia,
Nem a dá nunca a ninguém.

Somos nós que a inventamos,
Que a mantemos, que a descobrimos
E também dela fugimos quando não nos entendemos.

Tanto o Álvaro de Campos,
Como o Alberto Caeiro
E tu, Fernando Pessoa,
Formam três literaturas
Num país onde nós fomos
Dois astros e tudo às escuras.

Muito atraso nas ideias.
Afastando o Pascoaes,
Genial e mensageiro, —
Era tudo essas colmeias
Onde não havia um berro.



Nisto nasce o António Ferro,
Que sendo realizador
De bela visão certa,
Morreu sem poder içar
Mais alto a sua bandeira.

E se as *Canções* não abanassem,
Estremecendo as raízes
Do lirismo sem miolo,
Transformando em vida nova
Frutos, rosas e trigais,
Adeus, *panelinhas*, grupos,
Presença e tantos mais
Que, vivendo de injeções
Das que se dão a pardais,
Ficaram nas coleções
De revistas e jornais.

E o que é mais para pungir,
Revoltar ou não falar
É vermos que os que ficaram
Sem os remos e sem barco
Ainda dizem e afirmam
Com igual descaramento
Que tudo quanto entreguei
Se perdeu nas mãos do vento.

Apareceste depois
De eu publicar as *Canções*
Com essa tua *Mensagem*.
Já eu tinha revolucionado
Aquele estendal sem sol,



Vielas do lugar-comum,
Trabuqueta e Mouraria
Sem a Amália que nascia
Nos cais do mundo lavado.

Foi Ela que fez o Fado.

[E₁₂/108: “Poesias Dispersas VI”]



[4]

[Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa]

Mário de Sá-Carneiro e F[ernando] P[essoa]

Foram amigos.

A Confissão de Lúcio, Céu em Fogo,
Indícios de Ouro e Poesias Completas
Deram à literatura portuguesa
Renascimentos de certeza.

O autor desta bagagem não foi nem podia
Ser o repórter da *Mensagem*
Criou individualidades
Sem mistificar a vida
E acabou nesse trovão
Duma capital caída
Para renascer na luta
Imortal e sem medida.

Por que razão o Sá-Carneiro
Passou a ser posto de lado
E o Fernando Pessoa
Anda no ar credenciado?

Pretensões de *críticos* em falha,
Os grupos,
As falsas ideologias,
Matemáticas durezas,
Proposições e teoremas,
E uma literária nostalgia de confusões nos esquemas.



A imperdoável mentira
Sofisticamente alienada
Ao sebastianismo atirado
A um bairro de ignorantes.

Depois, o Super-Camões, o trocista,
Nessas várias cobardias
De um parco banqueiro anarquista
Escondeu-se atrás
De manifestos e Odes

Um, que nunca sentiu nada,
Brincando com sentimentos
E tentando tocar na guitarra
Todas as tragédias gregas,
Mercê de grupos inconscientes e alucinados
Passa a ser o Super-Camões,
Como a si mesmo se intitulava,
Enquanto o outro, que é o Poeta
E com estricnina se suicidava
Num quarto dum Hotel, de Paris,
Fica miseravelmente esquecido?
E num lugar secundário?
O Mário de Sá-Carneiro
Foi o extraordinário.

[E₁₂/105: “Poesias Dispersas III”]

[5]

[Não compreendo, mas entendo]

Não compreendo, mas entendo
Que o Ezra Pound sendo considerado,
Por alguns, um grande Poeta, —
E não sendo um grande poeta nem coisa alguma
Porque ninguém já percebe nada
E tudo em suma se diz,
Que o prémio Nobel dado ao espanhol
Juan Ramón Jiménez
Não premiou obra nenhuma,
Como, também, não premiou
Com senso ou entendimento
O Thomas Stearns Eliot.

O primeiro não vale nada,
O segundo nada merece,
E o terceiro é como tantos
Que procuram acertar.

Vem isto como abertura do que se fez em Portugal com o Fernando Pessoa.

Desafio todos os críticos que mereçam
Essa designação,
E a seguir todos os leitores
Para que me digam, a mim,
Onde se encontra poesia
Nos livros que foram publicados
Depois do meu querido e grande amigo falecer?

O Mário de Sá-Carneiro,
Que, afinal, pouco é falado,
Apaga o Fernando Pessoa
Com a maior simplicidade.

O Pessoa consegue ser lido
Pelos tambores de grupos
Que resolvem chamar a atenção para eles,
E não para o Fernando Pessoa.

A Confissão de Lúcio, Céu em Fogo,
Princípio, Indícios de Ouro, e Poesias Completas
Do Mário de Sá-Carneiro,
Deram à literatura portuguesa
Renascenças de beleza,
Enquanto o Fernando Pessoa se limitou
A ser vários,
Não sendo nunca uma expressão
De verdadeira superioridade mental.

Mensagem, Caeiro, Ricardo Reis,
Álvaro de Campos, e ele no seu primeiro
Volume de Poesias,
O que é que nos deram que valha
Tanto arco triunfal
Levantado à sua volta?

Tenho, infelizmente, que citar
O título dum livro de Aquilino Ribeiro
Chamado *Aldeia*
Para definir o meio lisboeta e atrasado
Onde o Pessoa conseguiu interessar



Sem convicção.

Foi um irónico, um inadaptado, um trocista

Mas espantosamente inteligente.

E com a inteligência

Fez o arco-íris das aventuras que falharam como obra de poesia, ou de humanidade.

O que são os poemas de Alberto Caeiro?

Sofísticas perguntas e respostas numa repetição de palavras, e onde não há, porque falhou, o sentido campestre, popular e próprio do *Guardador de Rebanhos*, nem a paisagem o salva, nem a paisagem lhe acudiu para os poemas terem salvação possível.

Quando escreve e diz:

Qualquer música, ah qualquer?

Logo que me tire da alma

Esta incerteza que quer

Qualquer impossível calma.

Qualquer coisa que não vida:

Jota, fado, a confusão

Da última dança vivida

Que eu não sinta o coração.

Isto que, à primeira vista, parece amargura, confissão de ansiedade mortal, ou coisa que o valha, não passa de literatura feita sem a simplicidade da própria expressão.

O “Logo que me tire da alma” e “Da última dança vivida”, em que a rima *vivida* para rimar com *vida* denota insuficiência e falta de conhecimento técnico, mostram quanto ele era pouco Poeta, ou quase nada Poeta.

Se ele fosse artista teria posto:

Qualquer coisa que não vida:

Jota, Fado, a confusão

Da última dança *perdida*,
Que eu não sinta o coração.

Aparecia o Poeta e o Artista.

Se ele nunca dançou como é que ele pedia a confusão da última dança vivida? Por quem? Disparate!

[E₁₂/105: “Poesias Dispersas III”]



[6]

[O maior livro de Fernando Pessoa]

O maior livro de Fernando Pessoa

São as *Odes de Ricardo Reis*.

Pureza, linguagem, forma,

Tradição sem classicismo

— Tradição feita por Ele

Sobre o mundo no abismo

Das coisas esclarecidas

Naquela serenidade

Que vemos em altas vidas.

[E₁₂/108: “Poesias Dispersas VI”]



Prosa

[7]

O verdadeiro Fernando Pessoa

Nasceu sem ramificações de transcendências em antepassados. Família burguesa. Dois irmãos e uma irmã. De tendências particularmente britânicas, o seu espírito era o de um autêntico *blagueur*. Ridicularizava tudo com a maior delicadeza. Era trocista. Nada, para ele, tinha importância senão uma expressão de bloco artístico ou estético, em repartidas frações. Não admirava facilmente. Para que o deixassem em paz, com os astros, que eram os amigos que sempre procurava para que lhe dissessem alguma coisa do seu futuro, respondia às inconveniências epistolares que ele odiava receber. Quantas vezes no Café da Arcada ele me lia essas cartas dos que imperavam na *presença* — essa revista onde, também, colaborei a pedido dos diretores. E não tenho nenhum número dessa publicação, como não tenho biblioteca. Leio e dou. E se não encontro a quem dar, então, vendo a qualquer livraria que compre livros abertos. Toda a obra de Fernando Pessoa assenta na instabilidade, no humorismo, na brincadeira disfarçada em motivo sério, na pretensão da forma, no assunto mais incrível (“Dobrada à Moda do Porto”), nas afirmações de ser, intervaladamente, monárquico, integralista, sidonista, republicano, salazarista, modernista, futurista, *mas trocista, eminentemente trocista*. E era implacável no ataque rodeado de alguma mistificação asiática, ou brutal. Quem se despir da vaidade caótica de querer ser crítico profissional vê que tudo quanto ele nos deixou não passa de um fragmento da sua veia humorística. Mais nada. Tirem-lhe esses carregamentos de adjetivos e de lugares-comuns, restituam-no à sua liberdade pessoal, à sua independência oculta, não aquela que mostrava (essa era fictícia para agradar e comprazer), e nunca mostrou a que fazia parte do seu mistério que apenas eu pude interrogar na maior intimidade. Sim. Toda a obra dele, desde Sonetos ao *Epithalamium*, em língua inglesa, *O Banqueiro Anarquista*, [“Apontamentos para uma Estética Não-Aristotélica”], traduções de Edgar Allan Poe, e de Shakespeare, as de Singe, de Walt Whitman, não passavam de entretenimento, como esse *Interregno*, escrito a pedido de Geraldo Coelho de Jesus, é uma bobagem como tantas que ele sabia escrever com rara habilidade sofisticada. A sua obra não era obra, não nos deixou obra alguma; deixou dispersos desarrumados, em prosa e verso. E nada mais. Não teve, também, influência nenhuma



na literatura portuguesa, e era, a cada leitura inesperada e nova que fazia, influenciado por ela. Demasiado tímido e feminino no seu pudor. Quando eu lhe falava em meretrizes, ria e mudava de conversa ou despedia-se para se encontrar, comigo, mais tarde. Esta é uma parte do Fernando Pessoa. As outras vão aparecer na obra que lhe consagro. O grupo dos amigos era restrito, e sem alteração para aumentar: o primo Mário Freitas, rapaz educadíssimo, calmo, por quem mantinha veneração, Geraldo Coelho de Jesus, Augusto Ferreira Gomes, Vitoriano Braga, Raul Leal, episodicamente, Carlos Moitinho de Almeida, seu patrão, e eu. Não tinha mais. Depois de a irmã casar com o capitão Caetano Dias, falava dele, mas como de um estranho que entrara na sua família. Do Luís de Montalvor, troçava de suas *mallarmeanas* composições inacabadas e bastante incoerentes. Que era o lunático vagamente positivo da famosa Agência das Colónias, onde trabalhava episodicamente. Alcoólico inveterado, tinha a paixão de aguardente, ou bagaço. Por isso veio a falecer de uma cirrose no fígado.

Obras que deixou não primam pela originalidade: Mensagem, antes dela já Miguel Torga tinha publicado *Alguns Poemas Ibéricos*, onde mais ou menos os mesmos motivos foram focados pela vibração patriótica e pessoal do Poeta, escritor, e médico. *Poesias de Alberto Caetano*: primam pela monotonia dos assuntos, e pela repetição dos fracos ensinamentos muito procurados.

Odes de Ricardo Reis: jogo gongórico, em que procurou imitar *As Canções de António Boto*, sem interesse de poesia, negação do lirismo e da Ode grega. Frustrado e medíocre na sua paralisada realização verbal e retorcida.

Poesias de Álvaro de Campos: influência nítida, escabrosa do poeta americano. Meia dúzia de tentativas que não chegam a ser composições de um autêntico poeta. Mário de Sá-Carneiro e Émile Verhaeren fazem-no ser pouco original ou eficiente. Artífice e *jongleur* mecanizado em prosa rimada, onde aparece o apodrecido italiano Marinetti. Livro falhado e sem interesse poético, nem humano.

Poesias de Fernando Pessoa: muito esforço e pouca poesia. Baudelaire e outros. E nada que marque uma prodigiosa feição do que ele, em conversa, parecia poder dar-nos.

Sobre a *Mensagem*, enviada ao prémio Antero de Quental, criado pelo Secretariado da Propaganda, sendo, nessa altura, ainda, António Ferro o dinâmico Diretor, imensamente admirador do Fernando Pessoa, nada pôde fazer junto do júri por terem notado a influência de Miguel Torga, embora a perícia de Pessoa fizesse encaminhar os motivos para diferentes conclusões. No entanto, como esse prémio não foi distribuído a nenhuma obra que o merecesse, na opinião do júri, António



Ferro conseguiu, como Diretor, que a importância do prémio no valor de cinco mil escudos fosse entregue a Fernando Pessoa.

E, quanto aos outros volumes de bocados de poemas incompletos, nunca deveriam ter sido publicados pelos organizadores encarregados dessa errada homenagem ao autor. Acabemos, pois, dolorosamente, com o *Mito de Fernando Pessoa*, profundamente criticado pelo insigne Teixeira de Pascoaes, que deixou uma obra com princípio, meio e fim: — *Poeta, não. Fingidor, como ele próprio se classificara.*

E foi, com efeito, um admirável fingidor.

Nos nossos encontros diários no Café da Arcada, nos nossos jantares e refeições de todos os dias, o que nós conversávamos enchia vinte volumes de quatrocentas páginas cada. Era sistematicamente cético, distanciado, pouco sociável, reservadíssimo, e muito observador, aflitivo como observador, e uma pessoa inteligentíssima. Pouco prático. Inadaptado a tudo quanto fosse experiência prática e material. Devia ter escolhido a profissão de professor de filosofia para, dentro dela, poder fazer, com mais encosto, as várias excentricidades em que era mestre. Tudo isto que fica nesta nota foi ditado pelo crítico, pelo artista e pelo homem que não mente à sua cultura, à sua sensibilidade. Eu não podia mentir porque não sei. Isto que aqui fica, por outras palavras, eu lhe disse inúmeras vezes. E ele concordava num abraço bem apertado e sincero, vendo, ainda, que eu era o seu maior amigo, aquele que ele encontrara na existência para ser o companheiro indispensável de todos os minutos se ele os pudesse passar ao pé de mim. Porém, tinha que ter o trabalho de correspondente respeitado, num escritório de representações, na Rua da Prata, em Lisboa, perto da vastíssima e opulenta Praça do Comércio. Quando eu o criticava nas nossas conversas de horas, desde as nove da noite até duas e três horas da madrugada, morávamos perto um do outro — ele na Rua Coelho da Rocha, e eu na Rua Tenente Ferreira Durão —, não era o amigo sempre dedicado que fui e serei. Falava e falo como alguém que soube ver o que escreveu e deixou. O resto pertence a mioleiras tocadas pelo absurdo, mirabolância esquizofrénica, vaidade, incompetência, falta de coragem e de hombridade. Bandos de corvos espicaçando os restos de um corpo que não teve, pelo *espírito*, a pretensão de ser *um herói glorioso*, ou coisa parecida. A minha autoridade está firmada no convívio íntimo que tivemos. No convívio e na minha obra amplamente difundida pelos mundos que sabem ler e fazer justiça aos que a merecem. Mais do que amigos ou irmãos que se adorassem. Mais do que tudo em amizade fraternal e amorosa, espiritualmente falando. O verdadeiro amor está na alma. Eis o que era preciso dizer, por mim, desde já.

[E₁₂/198: “O Verdadeiro Fernando Pessoa”]



[8]

[António Botto em entrevista a José Maria Rodrigues]

— Sobre Fernando Pessoa?

— Não há ninguém que não tenha botado sentença e livro. E, apesar disso, ainda ninguém disse qualquer coisa que fosse razoável, mais ou menos aproximada. Bobagens. Essa palavra brasileira e justa e certa na expressão diz tudo. Sim. Bobagens, e nada mais. Prometo publicar o livro “O Fernando Pessoa que Não Se Conhece”.

— Existe algum estudo autêntico sobre ele?

— Não. Tudo exploração, confusão, interesse pessoal de fazer figura à custa do infeliz poeta. Fernando Pessoa nunca tomou a sério a vida nem a literatura ou a poesia. A cegueira para criticarem o desconcertante de toda a sua autêntica individualidade fez com que essa cegueira fosse cada vez maior.

— E a difamação escandalosa de uma entrevista que o António Boto não deu, como foi tudo isso engendrado?

— Eu conto: cheguei ao Rio de Janeiro, a 17 de agosto de 1947, por via marítima. Navio de luxo. Primeira classe. Onze horas da noite fundeava ao largo. Tendo mandado um telegrama ao Hotel Serrador, o Hotel Serrador não tinha quarto disponível. Fui para outro grande Hotel de Copacabana. Dias depois, e estes dias depois podem ser dois meses em que toda a imprensa brasileira, em páginas inteiras, não só de São Paulo, e do Rio de Janeiro, como de Petrópolis, Minas Gerais, Recife, Pernambuco, Ceará, Bahia, Maranhão, Belém, Pará, Paraíba, e todas as cidades e lugares onde se publicam jornais, me dedicaram louvores os mais entusiásticos. Guardo numa mala grande de cabine todos esses artigos e crónicas firmados pelos maiores nomes do jornalismo e da literatura brasileira. Foi uma impressionante manifestação de carinho ao Poeta das *Canções*. Inesquecível, inédita e única nos anais da receção a um artista, poeta e escritor. Sim. Nunca se viu coisa igual. Recebido com todas as honras na Academia Brasileira de Letras, João Neves da Fontoura, que era nessa altura o Presidente, fez um discurso admirável à minha arte, que, pela simplicidade máxima, criava na Poesia ramificações novas, eternas, que foram seguidas exteriormente por outros, como Fernando Pessoa, para falar daquele que quase que tem endoidecido os que ainda nada disseram de acertado ou de sensato sobre a sua desconcertante individualidade, erradamente criticada por quantos se abalançaram a essa difícil aventura.



(...)

— Fernando Pessoa era o caso mais instável da existência humana, exceto na amizade. Não tinha direção como escritor e poeta. Agora principiava uma tradução de Shakespeare que não acabava. Depois uma de Edgar Allan Poe, que não passava de dois ou três contos e *O Corvo*. Poemas de Whitman, que tanto influenciaram o seu Álvaro de Campos. *As Canções de António Boto*, que não chegou a concluir, mas traduziu, ainda, oitenta e sete canções, magistralmente. E o prodigioso ensaio que não foi publicado na edição que saiu de alguns milhares de exemplares esgotados. Na livraria “Livros de Portugal” é que vi uma única meia dúzia deles.

— Mas dizia que Fernando Pessoa era instável como realizador?

— Sim. De tudo se aborrecia. Apareceu pela primeira vez nessa experiência de revista chamada *Orpheu*. Depois, transportou-se para uma publicação mais categorizada que se publica no Porto: *A Águia*, de Álvaro Pinto, e onde colaboravam, entre outros, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra. Aí, em vários artigos, ele se intitulava “O Super-Camões”, mas para irritar o *indígena* e dar nas vistas; conseguir ser discutido, mesmo que o ofendessem, para ele, era uma volúpia muito estranha e cultivada com muita antecedência nos efeitos que ele queria que tivessem a seu favor. Sim, guardo em meu poder muitas páginas inéditas que ele me confiava para dar opinião e foram ficando, assim, algumas centenas de contraditórias experiências de toda a natureza, como a imitação de vários estilos de autores celebrados e lidos. Nunca ele me manifestou uma direção de querer atingir determinados aspetos de literatura. Improvisava como quem respira sem pensar em construir qualquer inovação. Embora a *irmandade* que o defende e o exalta, numa continuidade de quem não tem mais que fazer, diga e desdiga, ponha e reponha, faça e refaça, ele não é, nem poderia ser, essa montanha de originalidade, frase que eu muitas vezes, na particularíssima intimidade que nos prendia, lhe dizia como um irmão mais novo que repreende o irmão mais velho por tanta audácia de palavras postas por cima umas das outras e que nada querem dizer, como se pode verificar na edição das *Poesias* que apareceram com o nome de Fernando Pessoa, muito mal selecionadas por Gaspar Simões e Luís de Montalvor. Como, ainda, de todos os ensaios que escreveu, o mais assombroso, e que ele publicou numa edição de 100 exemplares, de um livro fora do mercado, escrito por mim, intitulado *António*, com desenhos de Fred Kradolfer, e António Soares, o grande pintor isolado, mas grande. Vou terminar porque não quero falar mais do Fernando Pessoa antes do livro que está pronto a ser publicado. O mais importante e o melhor encontrarão os leitores independentes, aqueles que não se deixam sugestionar por essas várias



capelinhas que deveriam deixar de existir para limpeza higiénica de um ambiente de cultura mais arejado e menos peganhento. Deixar as ossadas aos cemitérios e falar do que foi alma ou vida, através de alguma nota de beleza e de poesia. O resto, o que tem aparecido, deu-me sempre a impressão de masoquismo doentio, repetidamente enjoativo pela falta de concisão e de argúcia no que se pretende criticar com tanta fraqueza mental.

— E por que razão deixou de publicar livros inéditos durante quase doze anos?

— Sim, realmente, tive a consciência de impor essa deliberação a mim mesmo, para poder, livremente, debruçar-me sobre problemas da humanidade, através dos meus. Apenas autorizava reedições de obras esgotadas tanto em Portugal como no estrangeiro.

— Mas esse silêncio fez com que aparecesse uma certa campanha de inimigos que sustentavam que, depois do formidável sucesso de *Canções* e *Contos*, o António Boto não dera mais sinal de criador. Sucumbira nessas criações.

— Eu sei. Estou a par de tudo isso, com pormenores, até, de ordem pessoal; conheço-os todos, e são os mesmos, apenas um pouco disfarçados, mas mal. Porém, eu creio que a Terra não pode apagar a chama do Sol, embora as tentativas de foguetes pensem que o caso de enviar para cima esses ridículos espantalhos, como quem manda um embrulho pelo correio de avião registado, chegue a uma finalidade prática. As obras que são o seguimento do que eu pude e soube iniciar com todos os cadernos incluídos na última edição de *Canções* vão aparecer numa série de volumes por caminhos inteiramente diferentes e opostos. Nessa altura, a reação dos energúmenos vai ser bastante divertida. Sim. Pensavam que eu tinha falecido dentro da última canção publicada nessa referida edição, de cinquenta e oito, já toda apanhada por quem sabe avaliar o que representa saber escrever para educar e distrair, deixando sempre no pensamento do leitor uma sensação de enlevo, ou de lonjura, fora do terrível materialismo que temos de exercer, diariamente, para podermos ter licença de existir. Os primeiros três volumes foram batizados com estes nomes que me parecem bastante sugestivos: *Ainda Não Se Escreveu* — primeiro volume de quinhentas páginas; *Os Mastros do Meu Navio* — segundo volume; *O Livro da Revolta Mundial* — terceiro volume. E há outros: *Os Poemas da Conflagração Social do Mundo*, *Caderno Individual*, *Retratos em Palavras de Poesia*, *O Drama do Mar*, *O Livro da Noite Iluminada*, e mais alguns.

— E o de Fernando Pessoa?

— Sim. Esse será indispensável para o acerto da sua posição na literatura portuguesa.

[E₁₂/198: “O Verdadeiro Fernando Pessoa”]

[9]

[De Miguel Ângelo Barros Ferreira]

Na História da literatura portuguesa de hoje, António Boto é o seu valor mais alto. Alguns críticos, e os de maior prestígio, consideram-no a expressão do primeiro poeta vivo da língua. Com Fernando Pessoa, constituiu a força representativa da geração que, em Portugal, se formou logo após a primeira grande guerra. Mas o Fernando Pessoa tem que ser visto como derivante notável do génio de António Boto. Boto é o génio criador, isolado e diferente na sua demolidora revolta pelo que não presta e não oferece futuro nem beleza. Fernando Pessoa é a metamorfose, o raciocínio cerrado na monotonia da construção gramatical. Leiam as *Odes*, assinadas por esse Ricardo Reis. Influência nítida, escandalosa, da arte suprema de António Boto, como ideia. Porém, a realização dos estafados motivos carregados por uma erudição que enfastia faz-nos atirar o livro pela janela fora. E com o Alberto Caeiro sucede o mesmo. Complicação e banalidade. Os literatos da crítica, os que andam sempre esfomeados de assunto, volta e meia, à falta de conhecimentos e de cultura, pegam no charadista da *Mensagem*, que é um decalque da brochura de Miguel Torga *Alguns Poemas Ibéricos*. Sim, já era tempo de colocar o F[ernando] P[essoa] no seu lugar, muito atrás da porta do templo onde os grandes pontificam. E o que é o Álvaro de Campos? Epilepsia desconcertante nessa mal construída “Ode Marítima”. E mesmo os versos que ele assina com o seu nome não nos dão novidade nenhuma. São ramificações de Mário de Sá-Carneiro, que deveria estar no lugar de Fernando Pessoa e não no esquecimento onde o puseram. Isso foi magiação desses meninos da *presença* que só vieram perturbar o sentido poderoso da Poesia que, em Portugal, António Boto salvara do descrédito mesquinho. A par de António Boto, temos o Teixeira de Pascoaes, com essa projeção de misticismo lusíada. Cesário Verde, António Nobre e Camilo Pessanha são episódios, tentativas, casos particulares. Miguel Torga ainda endireitou certos caminhos. É neles que transparece profundamente o conhecimento do ideal estético europeu. Desses dois grandes Poetas, que foram íntimos amigos, há uma atividade conjunta na proclamação da revolta contra todas as experiências anteriores da poesia. Foram Eles os dois maiores inovadores da poética moderna em todo o mundo. Mas, se, deste ponto de vista, ambos tiveram muito em comum, os seus processos estéticos apresentam-se eminentemente diferentes. A poesia de Fernando Pessoa é toda álgida, mental, ou matemática. O verso era uma espécie de fórmula algébrica para um pensamento. O poeta procurava mais do que despersonalizar-se. Pretendia a “desumanização” completa para atingir apenas a



inteligência, desprezando os outros aspetos mais essenciais à existência humana. Em António Boto, ao contrário, há a projeção integral do sentimento, e um constante crepitar de calor humano. Todo o seu esforço converge para exprimir, com insuperável simplicidade, os seus estados emocionais. Não há a preocupação exagerada, exclusiva de sintetizar o pensamento, mas o anseio de conseguir e descobrir novos ritmos e novas imagens para nos entregar o seu genial problema da maior humanidade nessa impressionante beleza que o fez ser lido em dezenas de traduções. António Boto é o Poeta da Pátria, a humanidade repartida por *vícios e qualidades*, por *virtudes e defeitos*; não pretende que a vida seja o espelho de cristal, e se, através do espírito, deu ao amor um campo sem restrições ou restrição, foi para mostrar que soube criar beleza onde muitos outros escritores, apenas, encontram a rutura da organização social por veredas indesejáveis e doentias. Tudo no homem, desde que não seja o crime, merece o estudo dos altos entendimentos da consciência humana. E assim se explica o triunfo mundial do seu primeiro volume de *Canções*, base divina onde a matéria foi terra para grinaldas de flores aparecerem ao Sol. A Ele se deve a descoberta do sentido íntimo do ritmo. “Não aproveita apenas do Ritmo as manifestações exteriores porque nos mostra, antes, o que ele é, essencialmente. O que é então o Ritmo descoberto pelo Supremo Artista? Um movimento anímico de ansiedade luxuriosa, feita de prazer e dor em Carne-Espírito a vibrar indefinidamente... No fundo de todo o Ritmo há esse movimento anímico que António Boto, divinamente, soube descobrir. Sem dúvida em muitos poemas ricos de ritmo há essa ansiedade luxuriosa de que falo e que é neles admiravelmente cantada. Mas ela existe no assunto dos poemas e não se integra no seu próprio ritmo como sendo o movimento íntimo deste. Ora, é no próprio ritmo de António Boto, independentemente dos seus pensamentos poéticos, que se sente, que se vive profundamente tal ansiedade luxuriosa, feita de prazer e dor em Carne-Espírito a vibrar indefinidamente...”. Transcrevo, ainda, do importantíssimo estudo firmado pelo Insigne Professor de filosofia, o Escritor Raul Leal, o final, enviando os leitores para a última edição de *As Canções de António Boto*, para as páginas 511 a 520, editada pela Livraria Bertrand, de Lisboa, Portugal, onde largamente se vê até que ponto as observações do Ilustre Professor chegaram a deduzir-se com a mais assombrosa lucidez. “Eis a que leva a Altíssima Descoberta de António Boto, sem dúvida uma das maiores e das mais Belas do nosso século prodigioso. António Boto deixa em toda a sua Obra de Poeta — presente e futura — o segredo genial e humano da sua Descoberta, que é dele e de mais ninguém. Mesmo que escreva nos metros clássicos do Soneto, será sempre António Boto, inteiramente senhor e dono daquela prisão de quatorze versos, onde o Artista se sente como em plena liberdade sem regras e sem peias, e obedecendo às rimas, mas até as rimas são diferentes dele, com o seu ritmo incomparável em ansiedade



vagamente lasciva feita de prazer e dor em Carne-Espírito a vibrar indefinidamente. Discípulos não haverá. Glória mundial ao Criador.”

Sim. Poeta assombrosamente dramático, há na sua poesia a ideia dominante do pecado e da redenção. O pecado começa no momento em que é procurada a justificação, ao invés de dar origem ao arrependimento. A dor torna-se obsessão, que induz o poeta a dar-se como para redimir o sofrimento que quer todo para si. Como Shakespeare e como Camões, que atingiram a glória pelo coração, há nele um palpar contínuo de solidariedade humana à procura de raros e belos motivos. Onde se encontra, em que livro, em que autor, Beleza maior e mais cristalina do que aquela que nós bebemos nas suas palavras que parece que nunca foram escritas senão por Ele? Aqui fica a minha pergunta consciente e não leviana como tantas. Suas *Canções* traduzidas para dezoito ou vinte línguas, na Inglaterra, e na América do Norte, via-as nas mãos de toda a gente. E a Inglaterra é um país de poesia e de verdadeiros poetas; e *O Livro das Crianças*, adotado oficialmente nas escolas públicas da Irlanda, abriram-lhe, ainda, muito jovem, as portas da consagração internacional. Em todos os contos vemos um fundo de ternura e de infantilidade, como se fosse a linguagem de uma criança a espreitar a Vida. Uma enternecida eloquência perpassa em suas histórias. Monteiro Lobato trazia em sua carteira, para ler aos amigos, uma das pequenas histórias de António Boto, que considerava mimo de delicadeza e mundo de pedagogia. “As três peneiras”, como se chama a pequenina maravilha, sem palavras a mais, ou a menos, e, na realidade, diamante da literatura universal. Podem os invejosos e os crápulas fazer-lhe as restrições de quem só vive para negar à superioridade do seu semelhante tudo quanto os cega e deslumbra: a sua Poesia, a sua prosa, o seu teatro, a sua crítica, as suas opiniões ficam para o futuro das civilizações que venham, como ponto de partida, realizado em obra, que o próprio tempo respeitará. Trata-se do Altíssimo Poeta, em seu indiscutível poder criador, e que a crítica mundial contemporânea admira e lê, fazendo-lhe as mais rasgadas homenagens, para que o leitor inteligente encontre nos seus livros, que são vastas dezenas de trabalhos que nos dão a cultura, o ensinamento, e o imenso prazer espiritual que vai sendo difícil de encontrar na leitura de quase todos os livros que se vendem e se recomendam, por amizade ou por anúncio pago à linha.

Miguel Ângelo Barros Ferreira

Escritor, jornalista, e crítico. É português nascido no Porto, e vive no Brasil, escrevendo nos principais diários da capital estadual: *O Estado de S. Paulo* e *Diário da Noite*.

[E₁₂/99: “Poemas II”]



[10]

[Sobre as produções ortónima e heterónima pessoais]

As *Odes de Ricardo Reis* (Fernando Pessoa) são um passeio desordenado pela antologia grega, na parte dedicada a mitologias, bastante sem sentido de ordem e sem motivo alegado. *Poemas de Alberto Caeiro*: uma pretensiosa mistificação de catolicismo e protestantismo, numa irremediável ausência de clareza e sem lógica nenhuma. Improvisos duma indecisa falta de coerência nas ideias que não chegam a ser ideias nem pensamentos. E, quanto aos dois volumes de *Poesias incompletas*, era melhor não terem sido publicados para ele não ficar tão mal visto. Álvaro de Campos e Fernando Pessoa podem resolver um volume, selecionado, numa falta extensa de humanidade e verdadeiro sentido de Poesia. Matemática e dança, sem o ritmo indispensável. O falso ídolo criado pelos dirigentes da revista *presença* não aguenta mais a posição emprestada.

[E₁₂/125: “Sonetos”]

Referências

BNP/E12: Espólio de António Botto à guarda da BNP.

- ALVES, Ilda Maria e Oscar José de Paula NETO (2022) “Sobre Alguns Poemas de António Botto Dispersos na Imprensa Brasileira”, *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, 42, 67: 108–126.
- BARROS, João Paulo Almeida (2009) *Sentimento e Conhecimento na Poesia de Camilo Pessanha*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BOTTO, António (2010) *Canções/Songs*, tradução para língua inglesa de Fernando Pessoa, edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro, Lisboa, Guimarães.
- CABRITA, João (2015) “Fernando Pessoa e José Régio: uma Poética de Encontro”, *Boletim — Centro de Estudos Regionais*, 6–7, 39–47.
- FERNANDES, Maria da Conceição (1994) *António Botto: Vida e Obra. Novas Contribuições*, volume II, Dissertação de Mestrado em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, Universidade Nova de Lisboa.
- GAGLIARDI, Caio (2017) “Marcos da Fortuna Crítica de Fernando Pessoa: o Tempo Cultural Presencista”, *Estranhar Pessoa*, 4, 12–21.
- KLOBUCKA, Anna (2018) *O Mundo Gay de António Botto*, Lisboa, Documenta.
- LOPES, Teresa Rita (2000) “Pessoa e Régio: uma Apaixonada Relação Difícil”, *Boletim — Centro de Estudos Regionais*, 6–7, 19–23.
- MARTINES, Enrico (2016–2017) “Régio, Sá-Carneiro e Pessoa: Evolução de uma Relação Apaixonada”, *Estudos Regionais*, 22–23, II série: 135–155.
- MARTINS, Hugo Alexandre (2023) *Pessoa à Lupa de Botto — de Biógrafo-Intérprete Entusiasta a Crítico Demolidor. Proposta de Análise e Edição de Textos Bottianos sobre o Poeta dos Heterónimos*, Dissertação de Mestrado em Edição de Texto, Universidade Nova de Lisboa.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (1952) *Fernando Pessoa e a Crítica*, Lisboa, Inquérito.
- PESSOA, Fernando (2012) *Teoria da Heteronímia*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- RÉGIO, José (1959) “Fernando Pessoa”, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, 2.^a edição, Lisboa, Inquérito, 96–101.
- REYNAUD, Maria João (org.) (2009) “José Régio e a arte da crítica”, *Ensaios de Interpretação Crítica e Outros Textos*, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda.
- SEPÚLVEDA, Pedro (2017) “A Redução Crítica da Heteronímia”, *Estranhar Pessoa*, 4: 63–76.
- SERRA, Pedro e Osvaldo Manuel SILVESTRE (orgs.) (2002) “Desaprender (com) a História.”, *Século de Ouro — Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Angelus Novus/Cotovia, 15–65.
- SIMÕES, João Gaspar (1951) “Drama em Gente”, *Vida e Obra de Fernando Pessoa: História duma Geração*, volume I, 233–297, Bertrand.
- (1974) *Retratos de Poetas que Conbeci*, Porto, Brasília Editora.



Hugo Alexandre Martins é Mestre em Edição de Texto pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e autor da dissertação *Pessoa à Lupa de Botto: de Biógrafo-Intérprete Entusiasta a Crítico Demolidor. Proposta de Análise e Edição de Textos Bottianos sobre o Poeta dos Heterónimos* (2023). Foi responsável pela recolha e fixação textuais de um poema inédito de Botto numa antologia de poesia homoerótica, e por iniciativas culturais em torno do universo bottiano. Tem como principais interesses de investigação no âmbito dos Estudos Literários e Culturais: vanguardas modernistas, com enfoque na vida e obra de António Botto; presença das *escritas de si* e formas de autorrepresentação em arquivos e espólios documentais de nomes (não-)canónicos da cultura e literatura portuguesas; edições críticas de textos autobiográficos e/ou de carácter intimista.

